

MICRON VIRTUES

A CHOREOGRAPHY FOR VIDEODANCE

The body is seen as an envelope of skin filled with a complex and subtle psycho-physiological content. The expressions of this body are performed by the pores, hair, nails imposing changes in the spaces of a room, stage or landscape. The movements that fill this space can be large or tiny. And it is within these ranges that the body expresses itself. In a traditional dance exhibition, the stage is the space used for performances which vary according to the audience's view. Hence, the most subtle and minute movements must be discarded because they cannot be seen clearly. Dancers who work the art of movement for several years witness in their own body these dimension limitations and so, are required to avoid doing these minimal movements in their final aesthetic product, the presentation. This is unfortunate, because subtle movements are essential to body language.

The video recorded dance opens up a new field in the art of movement. A camera can augment the images, in the scale of centimeters and record minute body movements. This is a great aesthetic resource that dancers as artists can use to express themselves and highlight the filigree of their body's subtle movements. Dancers can choose all the movements they know and feel that expresses their art. On the other hand, the spectators who receive the message face a new image of body and dance. Why cannot fingernails dance? Why cannot a mouth be choreographed? Why cannot free movement of hair be part of a dance? They can. This is the universe of the new dance and new choreographies, and specifically this is a new aesthetic research of videodance.

Analivia Cordeiro – Brazil - 1990

Micron Virtudes

Coreografia para Video-Dança

Uma pesquisa estética da relação do corpo e da camera de video, cuja conceituação expõe-se a seguir.

O corpo é visto como um envelope de pele com um conteúdo psico-fisiológico complexo e sutil. As manifestações expressivas deste corpo ocupam desde os poros, pelos, pintas, unhas até o espaço da sala, do palco, do jardim, do ambiente. Os movimentos que habitam este espaço podem ser grandes ou minúsculos. E é dentro destas escalas que o corpo se expressa.

Na forma tradicional de exibição de dança, o palco, o espaço utilizado para a expressão do corpo depende da visibilidade que o público alcança. Daí, os movimentos mais sutis e, digamos, mínimos devem ser desprezados por não poderem ser vistos com clareza.

O dançarino que trabalha consigo próprio, e com a arte do movimento durante vários anos, percebe no seu próprio corpo esse limite e, infelizmente, é obrigado a desprezar no seu produto final estético essas manifestações mínimas, sutis e essenciais do seu corpo.

Na vídeo-dança abre-se um novo campo para a arte do movimento. A camera pode aproximar-se na escala de centímetros e registrar mínimos movimentos do corpo. Isso é um grande recurso estético, pois o artista da dança pode expressar-se e polir as filigranas da intimidade do seu movimento. Aquele movimento que ele sabe e sente que expressa a sua arte. Por outro lado, o público recebe essa comunicação e se defronta com uma nova visualidade do corpo e da dança.

Porque uma unha não pode dançar? Porque uma boca não pode ser coreografada? Porque o movimento livre dos fios do cabelo não pode ser parte de um produto final de dança? Pode sim. E este é o universo da nova dança e dos novos coreógrafos, e especificamente desta pesquisa estética de video-dança.

Analivia Cordeiro – Brasil - 1990